

O Verso e o Reverso da Medalha em *Lincoln* de Gore Vidal

ADRIANA ALVES DE PAULA MARTINS

RESUMO

No romance histórico *Lincoln*, publicado em 1984, Gore Vidal refina a sua política de representação de reconstrução da memória da nação, através da revisão da historiografia de Abraham Lincoln. Neste ensaio, examino como Vidal revisita o mito criado pelo discurso histórico e analiso as implicações ideológicas deste processo de reescrita no que diz respeito às metamorfoses da política norte-americana.

ABSTRACT

In *Lincoln*, a historical novel published in 1984, Gore Vidal refines his politics of representation that focuses on the reconstruction of national memory through the revision of Abraham Lincoln's historiography. In this essay I examine how Vidal revisits the myth created by the historical discourse. Moreover, I analyse the ideological implications of this rewriting process as far as the American political metamorphoses are concerned.

«Os fios são os mesmos e o bordado é outro:
essa é a estratégia devoradora do texto contemporâneo.»

(Teresa Cristina Cerdeira, *O Avesso do Bordado*)

I.

No quadro da ficção histórica de Gore Vidal sobre a revisão da história política dos Estados Unidos, *Lincoln* (1984) foi o romance mais controverso em termos de impacto junto do público leitor. A sua publicação reacendeu o rastilho de pólvora que, sobretudo, nos dois últimos séculos, opõe os historiadores e os romancistas interessados

pela matéria histórica, fazendo reavivar a discussão sobre o carácter de artefacto e de verdade das representações histórica e ficcional.

Dando continuidade à política de representação centrada na reconstrução da memória da nação, através da revisão da historiografia das grandes personalidades históricas, como já tinha demonstrado, em 1973, com a publicação de *Burr*, Gore Vidal, no romance publicado em 1984, concentra a sua atenção numa das figuras mais emblemáticas da história americana: Abraham Lincoln. Tirando partido do facto de Lincoln ter sido, ao contrário do que acontecera com Aaron Burr, imortalizado positivamente pelo discurso histórico como um herói político que teve a coragem de preservar a União e de lidar com a delicada problemática da escravatura, Vidal reavalia, através do modelo do romance histórico¹, o momento mais crítico da história dos Estados Unidos: o da Guerra Civil.

Ao construir a sua narrativa ficcional sobre os principais episódios que marcaram este evento histórico e as reacções das diferentes personagens, sejam elas historicamente atestadas ou não, aos mesmos, Vidal redimensiona o papel e o lugar de Lincoln na história da democracia ao encarar o Presidente como o arquitecto de uma nova ideia de nação. Por outras palavras, no seu romance, Vidal considera os mandatos de Lincoln como um novo momento fundador da nação, tendo em mente que o Presidente tentou reinventar a União.

O meu objectivo, neste trabalho, é, num primeiro momento, justamente examinar como Vidal revisita o mito criado pelo discurso histórico para redizê-lo de uma outra maneira. Num segundo momento, pretendo analisar as implicações ideológicas deste processo de reescrita no que diz respeito às metamorfoses da política norte-americana. Para tal, encaro o romance como uma espécie de medalha, em que são confrontadas diferentes facetas da personalidade de Lincoln, ou seja, a faceta da personalidade histórica que foi mitificada pela historiografia oficial e a faceta do homem comum que ascendeu ao cargo mais importante dos Estados Unidos, aspecto que a ficção vem iluminar. Confronto que só é possível em função da articulação entre um refinado processo de modelização ficcional da personalidade histórica e um elaborado exercício de citação dos discursos de Lincoln, o que permite ao escritor especular, através do romance histórico, sobre as possíveis razões que, por um lado, justificaram o percurso político de Lincoln e que, por outro e em certa medida, levaram à ocorrência da Guerra Civil.

¹ Sobre os modelos da ficção histórica vidaliana, ver Adriana Martins (2002).

II.

O processo de modelização ficcional do Lincoln romanesco assenta sobre a elaboração de um político opaco que não descortina os seus pensamentos, o que faz com que a personagem esteja permanentemente envolta numa atmosfera de mistério, que só é desfeita quando, em raras ocasiões, o protagonista do romance comenta os seus próprios sonhos. Tal modelização, mais do que referencial, é ideológica², já que Lincoln é dado a conhecer ao leitor de forma sempre provisória, tendo por base os comentários das demais personagens sobre a personalidade do político. É através desse tipo de caracterização que Vidal começa a desconstruir a faceta mítica que alguns historiadores e biógrafos elaboraram da figura histórica, o que foi abertamente criticado por Vidal em vários ensaios, já que o romancista os considerava como uma espécie de hagiógrafos³.

Parte da polémica com aqueles que Vidal denomina «hagiógrafos» prende-se com o facto de, no processo de transformação da personalidade histórica em personagem romanesca, o escritor privilegiar, sobretudo, as opiniões que as personagens historicamente atestadas tinham de Lincoln. O Presidente é, dessa forma, no romance, encarado sob três ópticas diferentes: a política, a familiar e a pública. No que diz respeito à perspectiva política, destacam-se os comentários de John Hay, um dos secretários particulares do Presidente; William Seward, Secretário de Estado; e Salmon Chase, primeiro Secretário do Tesouro do governo de Lincoln. A óptica familiar é garantida pelas opiniões de Mary Todd Lincoln, mulher do Presidente, e, embora com menos relevo, por Robert Lincoln, filho do estadista. Embora não pertencente à família, é possível incluir, neste segundo grupo de personagens, o nome de William Herndon que trabalhou durante muitos anos com Lincoln,

² Sobre os diferentes tipos de modelizações, ver Wladimir Kryszinski (1981).

³ Sobre o interesse de Gore Vidal pelo romance histórico no quadro da sua ficção histórica voltada para a reconfiguração da memória da nação, ver o posfácio do romance *Burr* e o ensaio «Narratives of a Golden Age» (Gore Vidal, 1993 f). Sobre *Lincoln*, considerar os seguintes ensaios vidalianos: «First Note on Abraham Lincoln», «Lincoln, *Lincoln*, and the Priests of Academe», «Last Note on Lincoln» e «Lincoln». Os três primeiros podem ser encontrados no volume *United States. Essays 1952-1992* (Gore Vidal, 1993 c, d, e). O último encontra-se em *Screening History* (Gore Vidal, 1993 a [1992]: 71-107). Para além destes, há que recordar o posfácio de *Lincoln*. Sobre os historiadores como hagiógrafos, ver Gore Vidal (1993 d: 674). Sobre o romance *Lincoln*, ver também Joyce Carol Oates (1984: 1-3); Owen Edwards (1985: 33-42); Harold Bloom (1984) em Jay Parini (1992 a: 221-229); Jay Parini (1992 b: 1-30); Donald Pease (1992: 247-277); e Susan Baker & Curtis Gibson (1997: 83-101).

constituindo-se, dessa forma, numa importante fonte sobre o passado do político. Quanto à perspectiva pública, aqui encarada como correspondente à imagem pública que era projectada pelo Presidente, durante a Guerra Civil, no ambiente hostil de Washington D.C., há que considerar David Herold. Se é verdade que Herold não conviveu de perto com Lincoln e que não existem muitos dados históricos sobre o jovem, na economia da narrativa, Herold é um dos observadores privilegiados dos movimentos dos habitantes, funcionários e visitantes da Casa Branca, pelo que é oportuno levar em conta as suas opiniões sobre o Presidente.

Uma das novidades na elaboração do Lincoln romanesco reside no facto de Vidal ter prestado especial atenção às fontes que foram esquecidas ou simplesmente não consideradas pelos historiadores por não serem, na opinião deste últimos, credíveis. Refiro-me aos casos dos relatos de William Herndon e David Herold. Vidal insinua, por exemplo e com base em Herndon, que os estados de demência de Mary Todd Lincoln, bem como a morte prematura de alguns dos seus filhos podiam estar associados à sífilis que Lincoln havia contraído quando jovem. É através de Herold, por outro lado, que Vidal aborda um detalhe da vida íntima do Presidente, ao fazer referência aos seus problemas de obstipação, que o obrigavam a utilizar um laxante. Tais aspectos foram, aos olhos dos historiadores e biógrafos de Lincoln, considerados como depreciativos e mesmo ofensivos, mas, na verdade, devem ser encarados como estratégias de trivialização da história e caracterização da personalidade histórica como um ser humano como outro qualquer.

Concentrando a atenção nas personagens que observam Lincoln sob uma óptica política, importante é destacar que «Honest Abe» é inicialmente visto como um político aparentemente ingénuo e mesmo inofensivo, que poderia, à partida, ser facilmente manipulável. Mesmo que a caracterização do protagonista seja paulatina, tendo em conta que os acontecimentos relacionados com a Guerra Civil a determinam, Lincoln é, desde o início do romance, caracterizado como alguém capaz de surpreender até os políticos mais avisados e experientes, como é o caso de William Seward. Lincoln, na verdade, é apresentado como alguém que, apesar do ar descuidado e despreocupado com a sua aparência, estava sempre atento à projecção da sua imagem junto da opinião pública. O que Vidal começa por sugerir, através da recriação, logo no início do romance, de uma conversa entre Elihu Washburne e o Secretário de Estado é que o «Tycoon» foi, ao longo da sua carreira, preparando cuidadosamente o seu percurso rumo à

Casa Branca, sendo ele próprio, juntamente com os seus colaboradores mais próximos, os principais mentores da edificação do mito do *self-made man* que, devido à sua honestidade e perseverança, venceu no mundo da política. A este propósito, não é gratuita a insistência de Vidal em recorrer às opiniões de John Hay que, após a morte de Lincoln, celebrizou-se por ter escrito uma biografia sobre o Presidente, juntamente com o seu colega John Nicolay. É Hay quem revela como Lincoln foi um dos primeiros políticos a dar-se conta da eficácia da fotografia como meio de propaganda política e divulgação da imagem. O já mencionado William Seward, por outro lado, cedo desiste de pensar em manipular Lincoln, compreendendo que a atitude de «Honest Abe» de não ter, ao longo da Guerra Civil, uma política de guerra definida e coerente, constituía-se numa estratégia inteligente para justificar a concentração dos poderes nas mãos do Presidente e «Commander-in-Chief» das Forças Armadas, o que, em alguma medida, abria o caminho para o desrespeito da Constituição e para a suspensão de alguns dos direitos dos cidadãos.

É preferencialmente através da rivalidade com Salmon Chase que a faceta autocrática do governo de Lincoln é salientada, como atesta o episódio em que Chase tenta manipular politicamente os senadores para tentar restringir os poderes de Lincoln num momento em que a Guerra Civil parecia não atingir o seu termo. Vidal explora com detalhes, em várias páginas do romance, a maquinação de Chase, de forma a revelar os dotes de génio político de Lincoln, caracterizando-o como sendo capaz de contornar as acusações de infracção dos limites impostos pela Constituição, bem como de neutralizar os seus rivais políticos. Mais do que isso, Vidal caracteriza Lincoln como um político com uma ambição desmedida, o que me leva a pensar num dos ensaios vidalianos, em que o escritor recorda as palavras de William Herndon, segundo o qual, a ambição de Lincoln «was a little engine that knew no rest» (Gore Vidal, 1993 i: 666).

É o mesmo Herndon que chama a atenção de Vidal para um discurso que Lincoln proferiu em 1838, no Springfield Lyceum, vinte e três anos antes de instalar-se na Casa Branca. Sendo o discurso uma fonte histórica inquestionável, importa compreender como ele informou decisivamente a modelização do Lincoln romanesco, pelo que transcrevo o seguinte passo do ensaio vidaliano:

This speech is indeed a key to Lincoln's character, for it is here that he speaks of the nature of ambition and how, in a republic that was already founded, a tyrant might be tempted to reorder the state in his own image. At the end Lincoln himself did just that. There is a kind of terrible Miltonian

majesty in his address to the doubtless puzzled young men of the Springfield Lyceum. In effect, their twenty-nine-year-old contemporary was saying that, for the ambitious man, it is better to reign in hell than serve in Heaven. (Gore Vidal, 1993 I: 706).

O comentário não ficcional de Vidal pode ser cruzado com o posfácio de *Lincoln*, no qual o autor se indaga sobre o que pode ser considerado verdadeiro no volume publicado em 1984. Tendo em conta a opacidade do protagonista do romance e a sobreposição de diferentes imagens de Lincoln de acordo com as várias opiniões das personagens, torna-se oportuno reter na memória não só a alocução no Springfield Lyceum, como também os demais discursos de Lincoln, que são engenhosamente incorporados no tecido romanesco. Defendo que, ao chamar a atenção para os artifícios retóricos presentes nos discursos, Vidal sublinha alguns dos seus sentidos ideológicos, o que acaba por tornar mais verosímeis as opiniões das personagens sobre «Father Abraham».

A alocução de Lincoln em 1838 é um elemento-chave na narrativa vidaliana, na medida em que duas das suas linhas de força são utilizadas por Vidal na modelização da personagem. Trata-se da tentação que um tirano tem de recriar, à sua imagem, uma república fundada por outros e da crença de que é melhor reinar no inferno do que servir no paraíso. O comentário não ficcional de Vidal insinua, dessa forma, que Lincoln agiu, ao longo dos seus dois mandatos, como um tirano, sugerindo o romance que o cuidado do político com a sua imagem, antes de chegar à Casa Branca, evidenciava que ele já havia cedido à tentação de tentar recriar a República segundo a sua imagem, o que pode explicar o porquê de a ameaça de fragmentação do país não o assustar muito. Para se transformar num novo pai fundador da nação, Lincoln precisava garantir a manutenção da União, o que podia ser conseguido através de um compromisso com o diabo (ou seja, a Guerra Civil, a violência fratricida, a destruição, o sangue derramado). O preço a pagar seria a sua própria morte, o que justifica a recorrência com que a personagem refere a luta pela União como um destino⁴.

Para além de ser decalcada do confronto de opiniões das várias personagens do romance, a modelização ficcional do Lincoln vidaliano releva da interpretação que o narrador e as outras

⁴ A este propósito, considere-se a conversa de Lincoln com Seward sobre o seu discurso inaugural, quando o Presidente afirma que acredita no destino e na sua necessidade: «I believe in this Union. That is *my* fate, I suppose. And my necessity.». (Cf. Gore Vidal, 1984: 46. O itálico é do autor.)

personagens fazem dos discursos do Presidente. Sendo os discursos documentos históricos, o romance questiona a representação pública da memória ao utilizá-los para conjecturar sobre os reais motivos que movem Lincoln. Motivos que começam a ser engenhosamente desvelados, na economia da narrativa, quando Vidal recria o reencontro do Presidente com um antigo rival político, Stephen Douglas⁵. É Douglas quem recorda o discurso de Lincoln no Springfield Lyceum para desvelar a estratégia do político na sua tentativa de recriação da República, estratégia que tira partido da Guerra Civil e do carácter ambíguo da Constituição que concede ao Presidente da República poderes semelhantes aos de um tirano:

“War has come, Mr. President.”

(...) “Yes, it has come.”

“So now you have your chance to re-create the republic”.

Lincoln was startled. “What do you mean by that?”

“Well, when I was getting ready for our last set of debates, I rummaged around and found a copy of an old speech you gave to the Young Men’s Lyceum in Springfield.”

“My God, Judge, I was a boy when I gave that talk.”

“You were twenty-eight, at which age Alexander the Great had been remarkably active. You mentioned him, too. And Julius Caesar. And Napoleon, I believe.”

“As tyrants, yes, but...”

“As tyrants, yes.” Douglas was inexorable. (...) “You said that the founders of the republic had got all the glory that there was and that those who come after can never be anything except mere holders of office, and that this was not enough to satisfy ‘the family of the lion, or the tribe of the eagle.’”

Lincoln stared down at Douglas. (...)

“Your lion and your eagle cannot endure the notion of following the footsteps of any predecessor, or of anyone at all. Your great man ‘thirsts and burns for distinction; and, if possible, he will have it, whether at the expense of emancipating slaves, or enslaving free men.’ I learned a lot of that speech, just in case.” (Gore Vidal, 1984: 111 e 112)

Na esteira do próprio Gore Vidal que afirmou, num outro comentário não ficcional, que o Lincoln real podia ser encontrado nos seus escritos (Gore Vidal, 1993 i: 664), concentro a minha atenção em três dos seus discursos para demonstrar como Vidal selecciona algumas das suas partes e as incorpora no romance para revelar a

⁵ Sobre os debates entre Abraham Lincoln e Stephen Douglas na corrida ao Senado, ver, dentre outros, Albert Beveridge (1928); Archer Shaw (1950); Harry Jaffa (1971) em Morton Frisch & Richard Stevens (ed.) (1971: 125-143); Paul Angle (1947); e Stefan Lorant (1954).

argúcia do advogado que interpreta a Constituição em benefício próprio, a fim de dar suporte às suas decisões políticas, tornando possível o seu desejo de recriar a União. Se os discursos seleccionados correspondem a momentos distintos nos últimos anos de vida do político, leio-os de forma articulada a fim de compor a imagem de um tirano em construção. Para tal, prestarei especial atenção, para além do conteúdo dos textos em si, à eventual discussão prévia dos discursos, bem como à descrição minuciosa sobre a maneira como as alocações são feitas, através das reacções do Presidente e dos seus ouvintes.

O primeiro discurso é o discurso inaugural de Lincoln, em 1861, às vésperas da Guerra Civil, quando o Presidente formaliza a sua tomada de posse. Nesse discurso, Lincoln transforma a União na sua causa, tratando-a como uma questão legal, já que, segundo ele, «[p]erpetuity is implied, if not expressed, in the fundamental law of all national governments. It is safe to assert that no government proper, ever had a provision in its organic law for its own termination.» (Gore Vidal, 1984: 44). É a propósito da discussão deste discurso com Seward que o escritor retoma o tópico da fragilidade da Constituição, que já havia sido problematizado no romance *Burr*. O que a discussão sobre a real existência de um sentimento de pertença à nação, perante a ameaça de desintegração da União, faz é questionar o modelo de democracia que a Constituição inspirou em outras nações que lutavam pela sua liberdade política. O que torna a separação dos estados possível é a ambiguidade do texto da Constituição. O romance sugere que Lincoln está ciente, ao assumir o seu posto de Presidente, de que sem um sentimento e um compromisso de pertença à União, a república estará sempre em perigo. Isto explica a preocupação do Presidente eleito de, no seu discurso inaugural, esclarecer os motivos que justificavam a inevitável Guerra Civil.

Vidal recupera o discurso ao mesmo tempo que recorda as posições contraditórias assumidas por Lincoln, antes de ele chegar à Casa Branca, tendo em conta que alguns estados do sul reivindicaram a separação da União com medo de que o político, ao tomar posse, abolisse a escravatura e prejudicasse os interesses económicos das elites. É preciso não esquecer que, na altura da posse de Lincoln, era corrente a ideia de que a causa da Guerra Civil era a polémica em torno da escravatura. Ao frisar que Lincoln, no seu discurso inaugural, sublinha que a questão da escravatura é secundária, sendo antes crucial, para a sobrevivência da República, evitar a separação dos estados, Vidal traz à discussão a inconstância das posições defendidas por Lincoln quanto à escravatura antes e depois de ocupar a Casa

Branca, consoante os interesses em jogo e o público que o ouvia. Vidal enriquece esta discussão e desconstrói o mito de que Lincoln era um defensor da liberdade dos negros ao recordar que, no decorrer da Guerra Civil, aquando da discussão sobre a Proclamação da Emancipação, Lincoln era movido não pelo desejo de abolir ou restringir a escravatura em território nacional, mas sim pela necessidade de preservar a União em função dos imperativos de ordem militar. O mito do «Great Emancipator» é definitivamente deitado abaixo quando Vidal insinua que Lincoln julgava os negros inferiores aos brancos, o que é ilustrado pelo contestado projecto de enviar os negros para algumas colónias da América Central ou ainda de volta para a África, fazendo, dessa forma, cessar os conflitos que opunham brancos e negros.

A recuperação do primeiro discurso inaugural serve também a Vidal para mostrar como a astúcia do Lincoln advogado era utilizada pelo político na interpretação e no consequente uso abusivo dos poderes que lhe eram concedidos pela Constituição. Vidal ilustra como, na sua primeira alocução como Presidente, Lincoln evoca a sua responsabilidade de preservar, proteger e defender a Constituição dos Estados Unidos, perante o compromisso de um juramento registado no céu. Para tal, Vidal lança mão das conversas entre Hay e Lincoln e também dos pensamentos do primeiro para mostrar como este será o argumento retórico que será ideologicamente utilizado para justificar, sempre que necessário, os poderes de Lincoln como Presidente e «Commander-in-Chief» das Forças Armadas. O romance insinua o paradoxo da utilização do argumento do juramento para justificar os actos tirânicos de um Presidente, quando a sua principal responsabilidade seria justamente a de lutar contra a tirania. As violações do texto constitucional, dentre as quais, se destaca a suspensão do *habeas corpus* são, dessa forma, ancoradas na situação excepcional de guerra e da necessidade urgente de travar o inimigo a fim de evitar a desintegração da União. Delas releva, no entanto, a habilidade do advogado e do génio político que tinha a percepção de que o seu governo, ao garantir a integração da União, poderia ser um ponto de viragem na consolidação dos Estados Unidos como uma nação coesa e poderosa, o que é assinalado por Vidal em outros romances da *American Chronicle*, na medida em que Lincoln serve de grande modelo inspirador a outros presidentes da República.

O segundo discurso que Vidal particulariza é o da curta e célebre alocução que o Presidente proferiu em Gettysburg, através do qual, Vidal sugere que Lincoln, já cansado de tanta violência, num

momento crítico da Guerra, tenta responsabilizar, num campo de morte, os vivos pelo destino da nação, independentemente do lado que defendiam. Vidal sugere como Lincoln engenhosamente se converte num novo pai fundador da nação, ao defender, através da evocação do modelo de democracia criado pelos «Founding Fathers», a necessidade de fazer a nação renascer, o que me faz escutar o eco do já referido discurso proferido no Springfield Lyceum:

“It is for us, the living, (...), to be dedicated, here, to the unfinished work that they have thus far so nobly carried on. It is rather for us to be here dedicated to the great task remaining before us; that from these honored dead we take increased devotion to that cause to which they here gave...” (...) “the last full measure of devotion; that we here highly resolve,” (...), “that these dead shall not have died in vain; that the nation shall”, (...), “under God” (...) “have a new birth of freedom, and that government of the people, by the people, for the people, shall not perish from the earth.” (Gore Vidal, 1984: 490)

O terceiro exercício de citação que Vidal realiza está relacionado com a incorporação de algumas partes do segundo discurso inaugural de Lincoln na economia da narrativa. Pelo facto de ter sido proferido já no fim da Guerra Civil e de Lincoln o ter abertamente considerado o seu testamento político, a análise do seu conteúdo merece especial atenção, já que Vidal tira dele partido para sugerir como o político foi construindo o mito em torno da sua figura. Quais as estratégias utilizadas por Lincoln? Inicialmente, a comparação entre os seus dois discursos inaugurais, que se justifica pela alteração do quadro político da nação. Na época de alocução do segundo discurso inaugural, o país estava marcado pelo fim da Guerra Civil, o que fazia com que a atmosfera vivida fosse um misto de tensão, alívio e muita ansiedade em face do que poderia acontecer num período de reconstrução. Dessa forma, é compreensível que, no início de um segundo mandato, numa cidade dividida como Washington D.C., cuja maioria da população era a favor da secessão, Lincoln tentasse justificar a Guerra Civil, ilibando-se de qualquer culpa pelo conflito sangrento, tendo em conta a necessidade de salvar a integridade da União. Contrariamente ao primeiro discurso inaugural, este é um discurso em que abundam as referências religiosas, o que pode ser lido como uma tentativa de transformar a discussão sobre a Guerra Civil numa questão de cunho político, moral e religioso. As noções de culpa e de pecado são claramente introduzidas nas reflexões sobre a Guerra Civil, como se qualquer tentativa de fragmentar a nação pudesse ser lida como uma grave ofensa a Deus.

No segundo discurso inaugural, importa reflectir sobre o porquê de Vidal apenas recuperar alguns excertos do texto original⁶, já que Vidal opta por não referir as partes em que Lincoln menciona a escravatura nos Estados Unidos. Defendo que Vidal modelizou ficcionalmente o Lincoln romanesco como uma figura tutelar da história americana por lutar pela coesão da União e não pela abolição da escravatura. Na releitura vidaliana do discurso do Presidente, interessa ao escritor conjecturar sobre os motivos obscuros que condicionaram a actuação de «Honest Abe». Encarando Vidal Lincoln como o homem que tentou, a todo o custo, recriar a União, na sua tentativa de obter um protagonismo histórico equivalente ao dos «Founding Fathers», a discussão sobre a escravatura perde em importância, mesmo que o Presidente, nesse discurso, a ela se refira através de uma linguagem pejada de referências religiosas como uma ofensa a Deus, o que, por sua vez, pode justificar, em alguma medida, o tom conciliatório assumido pelo Presidente. A este propósito, transcrevo o seguinte passo do discurso integralmente aproveitado por Vidal:

“With malice toward none, with charity for all, with firmness in the right, as God gives us to see the right, let us strive on to finish the war we are in, to bind up the nation’s wounds, to care for him who shall have borne the battle and for his widow and his orphan – to do all which may achieve and cherish a just and a lasting peace among ourselves and with all nations.” (Gore Vidal, 1984: 621)

III.

Parto do tom conciliatório do excerto transcrito para especular sobre o facto de Lincoln, no seu segundo discurso inaugural, ao contrário do que seria esperado, não apresentar medidas concretas para a reconstrução da nação quando tudo levava a crer que os Confederados seriam derrotados. Retomo, com base no discurso que foi proferido no Springfield Lyceum, a sugestão de que Lincoln desejava se converter num novo pai fundador da nação. Tendo em conta que o segundo discurso inaugural nada deixa antever quanto ao futuro mais imediato na nação, defendo a hipótese de que Vidal tirou partido desta indefinição para insinuar que Lincoln, em alguma medida, estava à espera da sua morte, pelo que não era oportuno propor medidas que seriam, com certeza, controversas. Tal hipótese radica no facto de o Presidente considerar este discurso como o seu

⁶ O segundo discurso inaugural de Lincoln encontra-se na *The Norton Anthology of American Literature* (1995: 724 e 725).

testamento político, como se esta fosse a última vez em que se dirigia à nação (Owen Edwards, 1985: 41-42). Aspecto que ganha mais consistência quando se considera que, na economia da narrativa, Lincoln não foge da morte, estando a sua vida constantemente em perigo, como se ele encarasse a morte como uma espécie de destino. Assim sendo, considerando que Vidal explorou, através das várias referências ao discurso do Springfield Lyceum, que Lincoln afirmou que os pais fundadores da nação tinham conseguido toda a glória, o fim da Guerra Civil e o sucesso na preservação da União poderiam ser lidos como momentos privilegiados para Lincoln passar à história. Ao invés de ter a sua imagem desgastada com a política de reconstrução de um país ferido de ódio e morte, Lincoln seria lembrado como o salvador da União. Esta interpretação encontra suporte na opinião das personagens que acompanham o fim de Lincoln. É Stanton quem primeiro percebe que a morte livrava Lincoln da empresa de reedificar um país devastado. No entanto, é através de John Hay, personagem historicamente atestada, numa situação ficcional, que Vidal reforça o ponto de vista que presidiu à modelização ficcional de Lincoln e o tipo de reconfiguração da memória da nação levada a cabo com o romance. Trata-se de uma com versa que tem lugar poucos anos depois do desaparecimento de Lincoln quando o Hay vidaliano dialoga com Charles Schuyler, personagem ficcional em alguns romances da *American Chronicle*. Para ilustrar como o Hay romanesco suspeitou que Lincoln tinha uma estratégia para transformar-se em «the nation's true Father Abraham» (Gore Vidal, 1984: 34), transcrevo o seguinte excerto, no qual Hay coloca Lincoln num lugar de ainda mais destaque do que o de George Washington:

“Mr. Lincoln had a far greater and more difficult task than Washington's. You see, the Southern states had every Constitutional right to go out of the Union. But Lincoln said no. Lincoln said this Union can never be broken. Now, that was a terrible responsibility for one man to take. But he took it, knowing he would be obliged to fight the greatest war in human history, which he did, and which he won. So he not only put the Union back together again, but he made an entirely new country, and all of it in his own image.” (Gore Vidal, 1984: 656)

É, no fim do romance, através das observações do narrador, que Vidal dá a conhecer as opiniões de John Hay para dar a pincelada final no reverso da medalha de Lincoln que o discurso ficcional propõe. Através da afirmação de Hay de que «Lincoln, in some mysterious fashion, had willed his own murder as a form of atonement for the great and terrible thing that he had done by giving so bloody and

absolute a rebirth to his nation» (Gore Vidal, 1984: 657), Vidal insinua que Lincoln quis se converter num mártir voluntário da nação, contribuindo decisivamente para a mitificação da sua figura.

Para além de revelar, através do discurso ficcional, a faceta maquiavélica da personagem histórica que, de alguma forma, urde a sua imortalização pela história, Vidal demonstra que, tal como designou Harold Bloom (1984), Lincoln foi um «homem central» na história dos Estados Unidos. Ao mostrar como só uma nação coesa podia ser o garante de uma União indissolúvel, Lincoln transformou-se num modelo de inspiração para os futuros Presidentes, abrindo o caminho para que o sonho dos primeiros «Founding Fathers» se concretizasse. Por outras palavras e de acordo com a óptica vidaliana, a transformação da República num império, aspecto que é largamente problematizado pelo escritor em numerosos ensaios, bem como em outros romances da *American Chronicle*.

Bibliografia:

- ANGLE, Paul M. (ed. and introd.) (1947). *The Lincoln Reader*, New Brunswick, Rutgers University Press.
- BAKER, Susan & GIBSON, Curtis (1997). *Gore Vidal: A Critical Companion*, London, Greenwood Press.
- BEVERIDGE, Albert J. (1928). *Abraham Lincoln. 1809-1858*, Boston and New York, Houghton Mifflin Company, 2 Vols.
- BLOOM, Harold (1984). «The Central Man: On Gore Vidal's *Lincoln*». In: PARINI, Jay (ed.). *Gore Vidal: Writer Against the Grain*, New York, Columbia Univ. Press, pp. 221-229.
- CERDEIRA, Teresa Cristina (2000). *O Averso do Bordado*, Lisboa, Caminho.
- EDWARDS, Owen Dudley (1985). «Fiction as History: On an Earlier President». In: *Encounter*, January, 64, 1, pp. 33-42.
- JAFFA, Harry (1971). «Abraham Lincoln». In: FRISCH, Morton & STEVENS, Richard (ed.). *American Political Thought. The Philosophic Dimension of American Statesmanship*, New York, Charles Scribner's Sons, pp. 125-143.
- KRYSINSKI, Wladimir (1981). *Carrefours de signes: Essais sur le roman moderne*, La Haye, Paris, New York, Mouton Éditeur.
- LINCOLN, Abraham (1863). «Address Delivered at the Dedication of the Cemetery at Gettysburg». In: BAYN, Nina (ed. [et al.]) (1995 [1979]). *The Norton Anthology of American Literature*, New York and London, W. W. Norton & Company, p. 724.
- LINCOLN, Abraham (1865). «Second Inaugural Address». In: BAYN, Nina (ed. [et al.]) (1995 [1979]). *The Norton Anthology of American Literature*, New York and London, W. W. Norton & Company, pp. 724-725.
- LORANT, Stefan (1954). *The Life of Abraham Lincoln. A Short Illustrated Biography*, New York, Toronto and London, McGraw Hill Book Company.

- MARTINS, Adriana (2002). «A Construção da Memória da Nação em José Saramago e Gore Vidal» [Dissertação de Doutorado], Viseu, Faculdade de Letras, Universidade Católica Portuguesa.
- OATES, Joyce Carol (1984). «The Union Justified the Means (On Gore Vidal's *Lincoln*)». In: *The New York Times Book Review*, June 3, pp. 1-3.
- PARINI, Jay (ed.). (1992 a). *Gore Vidal: Writer Against the Grain*, New York, Columbia Univ. Press.
- PARINI, Jay (1992 b). «Gore Vidal: The Writer and His Critics». In: PARINI, Jay (ed.). *Gore Vidal: Writer Against the Grain*, New York, Columbia Univ. Press, pp.1-30.
- PEASE, Donald E. (1992). «America and the Vidal Chronicles». In: PARINI, Jay (ed.). *Gore Vidal: Writer Against the Grain*, New York, Columbia Univ. Press, pp. 247-277.
- SHAW, Archer (ed.) (1950). *The Lincoln Encyclopedia*, New York, The MacMillan Company.
- VIDAL, Gore (1984). *Lincoln*, New York, Ballantine Books.
- VIDAL, Gore (1993 a [1992]). *Screening History*, London, Abacus.
- VIDAL, Gore (1993 b). *United States Essays 1952-1992*, New York, Random House.
- VIDAL, Gore (1993 c). «First Note on Abraham Lincoln». In: VIDAL, Gore (1993). *United States Essays 1952-1992*, New York, Random House, pp. 664-668.
- VIDAL, Gore (1993 d). «Lincoln, *Lincoln*, and The Priests of Academe». In: VIDAL, Gore (1993). *United States Essays 1952-1992*, New York, Random House, pp. 669-700.
- VIDAL, Gore (1993 e). «Last Note on *Lincoln* ». In: VIDAL, Gore (1993). *United States Essays 1952-1992*, New York, Random House, pp. 701-707.
- VIDAL, Gore (1993 f). «Narratives of a Golden Age». In: VIDAL, Gore (1994). *Burr*, London, Abacus, pp. v-x.
- VIDAL, Gore (1994 [1973]). *Burr*. London, Abacus.
- ZINN, Howard. (1995 [1980]). *A People's History of the United States (1492-Present)*, New York, Harper Perennial.